

Abstenção recorde em 2026: o Nordeste vota mais que o Brasil, mas não por igual

Os números do primeiro turno mostram um Nordeste que vota mais que a média do país, mas que está longe de ser uniforme.

Por Alvaro Góis

Neste domingo (4/10), 21,07% do eleitorado brasileiro não foi às urnas. É a maior abstenção da série recente: cerca de 33,1 milhões de pessoas (21,08%), contra 20,95% em 2022. A curva sobe sem parar desde 2006, quando a abstenção era de cerca de 16%. Em duas décadas, o número de ausentes aumentou em mais de 12 milhões de pessoas, em parte porque o eleitorado também cresceu.

O Nordeste comparece mais, mas não por igual

A região teve 8.002.366 ausentes entre 43,5 milhões de eleitores aptos, o que dá **18,39% de abstenção**. Isso está 2,68 pontos percentuais abaixo da média nacional. O Nordeste tem cerca de 27,7% dos eleitores do país, mas responde por cerca de 24,2% das ausências.

Nenhum dos nove estados nordestinos ficou acima da média brasileira. Mas a região não é um bloco homogêneo:

Estado	Abstenção
Alagoas	20,63%
Bahia	19,97%
Ceará	15,52%
Maranhão	19,73%
Paraíba	17,38%
Pernambuco	18,17%
Piauí	17,15%
Rio Grande do Norte	18,38%
Sergipe	17,30%

Abstenção no 1º turno de 2026, estados do Nordeste. Fonte: TSE, via Agência NE9; percentuais recalculados.

A distância entre o Ceará e Alagoas passa de cinco pontos percentuais, maior que a diferença entre a média do Nordeste e a do Brasil. O Ceará, aliás, registrou a menor abstenção do país. Já a Bahia, com 2,26 milhões de ausentes, tem o maior contingente absoluto da região.

Em Pernambuco, 1.312.388 eleitores deixaram de votar. É um número grande o bastante para pesar em qualquer disputa apertada.

Quem comparece, anula mais

Há um segundo dado importante. No Nordeste, os votos nulos superaram os brancos em todos os estados, na proporção de cerca de dois para um: 1,2 milhão de nulos contra 586 mil brancos. Somados, os votos inválidos chegam a 5,08% dos comparecimentos, acima dos 4,77% do país. A Paraíba tem o maior percentual de inválidos (6,34%), e Alagoas, o maior de nulos (4,43%).

Ou seja, a região comparece mais, mas entre os que comparecem uma fatia maior que a média não valida o voto. Isso pode ser descontentamento com as opções disponíveis, mas a urna eletrônica não distingue o nulo de protesto do erro de digitação. É uma hipótese plausível, não uma conclusão.

E em Sertânia?

O recorte nacional ganha outro peso quando olhamos para o lugar onde vivemos. Em Sertânia, no Sertão pernambucano, o eleitorado apto é de **27.423** pessoas. Compareceram **20.935 (76,34%)**, e **6.488** deixaram de votar: uma abstenção de **23,66%**.

É um índice alto: 2,59 pontos acima da média nacional, 5,27 acima do Nordeste e 5,49 acima de Pernambuco. Se Sertânia fosse um estado, teria a maior abstenção do Nordeste (Alagoas, a maior da região, ficou em 20,63%) e ficaria pouco abaixo do maior índice do país, o do Mato Grosso do Sul (23,87%). A comparação entre um município e estados tem limites, mas mostra que o “*Nordeste que comparece mais*” não descreve todos os lugares da região.

Indicador	Sertânia	Nordeste	Brasil
Abstenção	23,66%	18,39%	21,07%
Votos brancos	1,14%	1,65%	1,84%
Votos nulos	2,94%	3,43%	2,93%
Inválidos (brancos + nulos)	4,08%	5,08%	4,77%

1º turno de 2026. Fonte: totalização do TSE (Sertânia) e Agência NE9/Terra (Nordeste e Brasil). Percentuais de brancos e nulos sobre o comparecimento.

Entre os que foram votar, 20.080 votos foram nominais (95,92% do comparecimento), 239 foram brancos (1,14%) e 616 foram nulos (2,94%). Os votos inválidos somam 855, ou 4,08%, abaixo das médias do Nordeste (5,08%) e do Brasil (4,77%). Os nulos, como no resto da região, superaram os brancos, na proporção de cerca de 2,6 para 1.

O contraste chama atenção: em Sertânia, falta mais gente à urna, mas quem comparece invalida menos o voto. Por que isso acontece? Os dados não permitem dizer. Uma hipótese a testar é o peso de eleitores com título no município que moram ou trabalham em

outras cidades, algo comum em muitas cidades do interior. Mas isso só poderá ser confirmado com os microdados do TSE. Para ter uma dimensão do que está em jogo, cada ponto percentual de abstenção no município equivale a cerca de 274 eleitores.

O que explica o recorde?

Analistas citam a falta de debates entre os principais candidatos, o desinteresse do público, dificuldades de deslocamento e cadastros desatualizados. Para explicar por que o Nordeste se ausenta menos, há duas pistas a investigar.

Mobilização política. Onde a disputa se organiza em torno de identidades políticas fortes e redes de militância presentes no território, o voto parece “valer mais” para o eleitor. As quatro maiores taxas do país (MS, RJ, MG e SP) ocorreram em estados onde Flávio Bolsonaro venceu, e as menores se concentram onde Lula foi mais votado. Mas cuidado: é uma associação entre territórios, que não permite afirmar como cada eleitor se comportou.

Fatores territoriais. As grandes metrópoles do Sudeste concentram muita gente com domicílio eleitoral diferente do local onde mora, além de mais mobilidade em fins de semana e feriados. No interior nordestino, transporte organizado e mobilização comunitária podem ter o efeito oposto. É a ideia do geógrafo Milton Santos de que a cidadania se efetiva de forma desigual no território.

Há ainda um alerta do cientista político Arend Lijphart: a abstenção raramente é aleatória, e costuma afastar justamente quem tem menos renda e escolaridade. Numa região desigual como o Nordeste, os 8 milhões de ausentes podem incluir quem mais depende de políticas públicas.

E o segundo turno?

Em 2022, a abstenção caiu do primeiro para o segundo turno, quando a disputa se estreitou para dois candidatos. Se o padrão se repetir, há espaço para mais comparecimento, mas isso depende do clima da campanha e da realização de debates.

Vale uma conta simples. No Nordeste, cada ponto percentual de abstenção equivale a cerca de 435 mil eleitores. Reduzir a ausência em apenas um ponto significaria algo próximo de 435 mil votantes a mais. Quanto isso pesa depende da margem entre os candidatos e de como esses novos votantes se dividiriam: a abstenção não é um reservatório automático de votos de ninguém.

Um assunto para a sala de aula

Esses dados são um excelente material para as aulas de Sociologia e Geografia: ler tabelas, comparar estados, diferenciar abstenção, voto nulo e voto branco, discutir a

obrigatoriedade do voto. Educação política não é só informar datas e procedimentos. É mostrar que o voto faz parte de um conjunto mais amplo de formas de participar. O dado central permanece: um em cada cinco brasileiros ficou fora da decisão. Saber quem são essas pessoas, e por que não foram, é o primeiro passo para qualquer debate sério sobre a qualidade da nossa representação.

Alvaro Góis é professor de Geografia e Sociologia (EREM Olavo Bilac, Sertânia-PE) e mestrando do PROFSOCIO/UFCG. Fontes: totalização do TSE divulgada por Terra, CNN Brasil e Agência NE9 (4 e 5/10/2026). Percentuais recalculados a partir dos valores absolutos.